

“Obscura tradição cultural” – representações sobre os indígenas na obra  
*Capitania d’El Rey* (1964)

Pâmela Cristina De Lima\*

Pego meu arco e flecha  
Minha canoa e vou pescar  
Vamos fazer fogueira  
Comer do fruto que a terra dá  
(Xuxa, 1988)

Começamos este texto com uma epígrafe cuja melodia marcou e marca gerações. Xuxa, “rainha dos baixinhos”, lançou em 1988 uma música chamada *Brincar de índio*, na qual evidenciamos uma série de imagens acerca de *ser índio*. Essas representações foram construídas, na canção infantil, alicerçando-se discursivamente os indígenas ao meio “natural”, encerrando-os enquanto aqueles sujeitos que usam arco e flecha. A música estereotipa, ainda, o modo de falar: segundo ela, “índio *fazer barulho*”. Constructos assim passaram (e passam) despercebidos em meio à melodia alegre e à musicalidade das rimas, fenômeno este que acaba por alicerçar estereótipos e torná-los uma *verdade* aceita. Esta música, contudo, está longe de ser um caso isolado de atribuição de estereótipos. É, ao contrário, uma gota no oceano.

Assim como a escrita da história possui o poder de construir versões sobre o passado e cristalizá-las, a partir da ótica de historiadoras e historiadores que a edificam, também é capaz de incluir em seus tortuosos caminhos aqueles sujeitos e grupos que foram retirados, omitidos e silenciados em suas tramas. Representações várias sobre os indígenas perpassam a historiografia,

---

\* Mestranda em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF) (bolsa CAPES – Modalidade II). Professora na Escola de Ensino Médio Sarandi e no Colégio Universos, ambas instituições localizadas em Sarandi-RS. Membro do Grupo de Trabalho História Intelectual e História dos Conceitos (ANPUH-RS) e do Núcleo de Estudos de Memória e Patrimônio (NEMEC-UPF). Membro do Conselho Editorial da Revista Semina (UPF). Autora das obras *Farrapos, bandeirantes e beduínos – uma interpretação da historiografia sul-rio-grandense do século XX* (2021) e *Terra virgem, amor submisso – uma perspectiva decolonial* (2022).

sobretudo no que tange a legitimações empreendidas acerca das violências às quais estes sujeitos estiveram e estão submetidos cotidianamente. Por outro lado, a escrita da história também nos oferece possibilidades de questionamento e crítica a partir da reflexão histórica, calcada em compreender mudanças e permanências. Trata-se, portanto, de observar o passado a partir de anseios e demandas do presente e, em primeiro lugar, de compreender o lado *humano* dos grupos e sujeitos em questão. Estudar história é, também, um exercício de sensibilidade – em narrativas fechadas, a pluralidade fica comprometida.

Neste trabalho, propomos um olhar tão crítico quanto atento aos escritos de Moysés Vellinho (1901-1980), historiador sul-rio-grandense que atuou em várias frentes no meio público, de deputado estadual a professor universitário e vice-presidente do IHGRGS (Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul). Iniciaremos apresentando brevemente o contexto de atuação do autor para, em seguida, nos atermos à sua obra e discurso, analisando as representações dos indígenas construídas pelo autor em sua peça de linguagem.

### O contexto intelectual de Moysés Vellinho

Ao publicar *Capitania d'El Rei*, em 1964, Moysés Vellinho já havia se consagrado enquanto crítico literário e adquirido amplo espaço no cenário intelectual sul-rio-grandense, brasileiro e internacional (RODRIGUES, 2002; 2006; HERCHMANN, 2013), dada sua atuação no IHGRGS, sua ida aos Estados Unidos e à Europa (anos 1950) e sua breve carreira como professor na UPA (Universidade de Porto Alegre). Tomando como central à sua obra o pertencimento do Rio Grande do Sul ao Brasil, Vellinho se dedicaria a comprová-lo, dentro dos cânones que ditavam as regras da produção historiográfica em seu contexto de escrita, ou seja, os anos 1950-60, quando escreveu e publicou *Capitania d'El-Rei*. Ao analisar os escritos do autor, é preciso compreender que foram empreendidas muitas justificações e atenuações justamente em prol da valorização dos atores sul-rio-grandenses nas tramas da história e do passado narrados, localizando-se em suas entrelinhas os quês de homogeneizações, preconceitos e violências. Justamente nestes pormenores de seu discurso residem as marcas da escrita da história de seu contexto, caracterizadas pela proeminência de perspectivas que primavam pela valorização da herança lusitana na formação brasileira, em geral, e sul-rio-grandense, em particular (NEDEL, 2005; RODRIGUES, 2006). Não é possível/pertinente desvencilhá-lo, ainda, das diretrizes do IHGRGS, dado que o letrado compunha a cúpula da agremiação no período em que publicou *Capitania*. Este é um fator de peso para entender melhor o prestígio

do qual Vellinho desfrutou nos meios letrados da época, uma vez que o IHGRGS era percebido, naquele contexto, como instância legítima (MARTINS, 2015; 2019) da produção de conhecimento histórico no estado.

### **As representações sobre os indígenas**

Em sua construção discursiva, Vellinho não só menospreza os indígenas a partir de adjetivações desumanizadoras, altamente estereotipadas e alheias à pluralidade dos vários grupos nativos, como também autoriza a exploração de seus recursos e corpos. Alternando entre expressões de cunho agressivo e outras de conotação tênue, o autor vai tecendo uma trama na qual os indígenas aparecem como supostamente fadados ao insucesso, ligados a entes sobrenaturais (como os demônios) e inferiores em relação a todo e qualquer tipo social existente. Por mais que admita que a composição do gaúcho campeador e soldado tenha se dado com a participação indígena, Vellinho a reduz em sua argumentação sobre o lado brasileiro do pampa, apresentando o suposto estado anárquico do lado platino como causado pela grande participação indígena e por supostas relações de ódio com o colonizador espanhol. Este quadro se agrava à medida em que se afunila a observação às mulheres indígenas, conforme ver-se-á adiante. Assim, o autor não só inferioriza e violenta epistemicamente os povos indígenas ao negligenciar sua pluralidade, como também o faz a partir de definições e termos que desumanizam e se mostram praticamente acrílicos à escravização e violências disferidas contra os nativos no Rio Grande do Sul dos séculos XVII-XVIII. De maneira epistemicamente violenta, coloniza discursivamente (CURIEL, 2020) o território, os imaginários... os corpos.

Vellinho apresenta os indígenas de forma homogeneizada, explicando-os enquanto “contributivos” aos bandeirantes – os fins (trabalhos em prol da Coroa e de seu desenvolvimento) justificariam os meios (violências e exploração sistemática). São definidos, ainda, como “peças de serviço”, numa lógica discursiva que atribui mais efeito de “civilidade” na violência praticada pelo apresamento dos bandeirantes do que na catequese católica, vista como um malefício e uma doutrinação quando operada pelos jesuítas espanhóis, acusados de buscarem independência frente à Coroa de Castela (VELLINHO, 1970). A grande questão que intriga é que Vellinho cita, mas não critica de forma enfática, nem a violência física perpetrada pelos bandeirantes, nem a violência simbólica dos jesuítas em sua catequização forçada, alegando inclusive que os brasileiros possuiriam uma “dívida” para com os primeiros em função de sua ação desbravadora e “civilizatória”.

Embora afirme que a quantidade de indígenas no território sul-rio-grandense era pouco considerável e “de significação bastante medíocre” (VELLINHO, 1970, p. 162) quando do início do “desbravamento”, Vellinho dedica parte de seu texto para tratar das relações entre portugueses e nativos. O suposto tom amistoso que teria prevalecido nas relações e na organização passa, novamente, a ceder espaço para o tom violento no discurso do autor. A violência epistêmica (CURIEL, 2020) engendradora em afirmações como as de que os indígenas compunham um “pobre material humano” dotado de “incurável estupidez” e “gosto de apanhar e sofrer” (VELLINHO, 1970, p. 84; 86; 90) cederia lugar à suposta indisposição dos povoadores do Rio Grande a perpetrarem violência. Gradualmente, o autor se contradiz. Da descrição de relações amigáveis entre colonizador e colonizado, migra-se para o tema da miscigenação e suas “benesses”, afunilando tal questão para as indígenas. Implicitamente, ao longo de sua argumentação, Vellinho demonstra o papel que cabia às mulheres nativas naquele contexto, no escopo de sua análise: a procriação com os portugueses. A partir de quês de violência e brutalidade, o autor celebraria uma versão da história que tinha como ênfase a formação de uma população “civilizada” – branca, educada nos padrões europeus e cristã –, negligenciando e justificando o tortuoso caminho de explorações. Na obscura aquarela em composição, parecia válida a premissa de que os fins justificam os meios.

**Expressões usadas para referir aos indígenas em *Capitania d’El Rey* (1964)**

Indígenas
<ul style="list-style-type: none"><li>• Gentio</li><li>• Almas carregadas</li><li>• Peças de serviço</li><li>• Aguerrido e bem apetrechado exército indígena (ao dispor dos jesuítas espanhóis)</li><li>• Bons selvagens</li><li>• Casco autóctone</li><li>• Milênios de atraso</li><li>• Reações brutais (lideranças religiosas indígenas)</li><li>• Agentes do demônio (lideranças religiosas indígenas)</li><li>• Gente ou bicho</li><li>• Estupidez</li><li>• Obscura tradição cultural</li><li>• Livre como os bichos do campo</li><li>• Material humano [...] do mais baixo teor</li><li>• Casco indígena</li><li>• Pobre gente</li><li>• Em estado de franca regressão</li><li>• Sua inteligência, sob a educação dos padres, evoluía satisfatoriamente até os doze anos. Ai parava ou entrava em processo de involução</li></ul>

- Aversão ao trabalho
- Irresponsabilidade
- Instabilidade de caráter
- Inclinação para os vícios
- Imitação
- Infantilidade
- Guerreiros (índigenas, apenas quando comandados)
- Inferioridades
- Pobre material humano
- Alma primitiva
- Maus e velhacos (índios platinos órfãos)
- Inconstância
- Incapacidade
- Preguiça
- Depravação
- Incurável estupidez
- Deviam ser animais perfeitos
- Liberdade selvagem
- Seres primitivos
- Alicerce humano tão vil
- Encontrava-se a milênios da civilização
- [Carecia de] resquícios de hombridade
- Iam, cheios de lamúrias, oferecer o lombo para o chicote (índios nas Missões)
- Aceitar o castigo [...] com certo prazer
- Passividade
- Amestrados (pelos jesuítas)
- Fantasma na história rio-grandense (Sepé Tiaraju)
- Desventurado (Sepé Tiaraju)
- Hostilidade (guarani)
- Estranho (Sepé em relação à história sul-rio-grandense)
- Herói missioneiro (Sepé Tiaraju)
- Auréola mítica (Sepé Tiaraju)
- Escarmentados sobreviventes de uma raça desbaratada
- Índios domesticados
- Catecúmenos (das Missões)
- Jamais poderia ser contado como fator positivo de civilização (índigenas missioneiros)
- Significação bastante medíocre
- Súditos da Espanha (guarani aldeados)

*Fonte:* VELLINHO, Moysés. *Capitania d'El-Rei – aspectos polêmicos da formação rio-grandense*. Porto Alegre: Editora Globo, 1970. Coleção *Província*. As informações entre parênteses são da autora.

Quando Moysés Vellinho discorre sobre a chegada dos bandeirantes aos pagos do atual Rio Grande do Sul, em Capitania d'El-Rei (VELLINHO, 1970) acaba por enfatizar as dificuldades que enfrentaram no caminho e o cansaço da viagem território adentro. Ao longo de sua narrativa, evidencia-se um fenômeno que manifesta a violência epistêmica do autor – a sexualização do meio e das indígenas. Em relação ao primeiro, Vellinho faz uso de expressões que aludem à prática sexual com um quê de feminização; no que tange às últimas, o autor

ratifica canonicamente a exploração de seus corpos como forma de “aliviar as tensões” dos colonizadores e de garantir a multiplicação da gente. Vellinho parece justificar a ação dos portugueses a partir da conduta dos padres da Companhia de Jesus – se os que juravam celibato incorriam no “pecado”, como os leigos resistiriam? Entra, neste ponto, o discurso de cunho religioso – o autor apela à legitimidade da batina, ou seja, da posição de padre, para alegar que nem mesmo esta condição teria “livrado” aqueles homens das tentações do “demônio”. Neste sentido, chega-se a uma interpretação que conduz a pelo menos duas possibilidades: a) a demonização da indígena, como símbolo de pecado em função de não praticar a religião cristã; b) a comparação do meio a um “inferno”, onde não haveria ordem ou organização.

Durante todo o texto, a construção discursiva de Vellinho aponta para a legitimação do uso dos corpos femininos em prol de uma benesse maior – a mistura “racial”. Ao longo de sua escrita, percebe-se uma estruturação voltada à justificação da exploração sexual, que é atenuada e calcada num pressuposto de “necessidade” – só assim o Brasil passaria ao rol dos países “civilizados”. Vellinho, dentro destes propósitos, empregaria vários termos e expressões em tom de adjetivação, construindo caracteres e aplicando-os às nativas, numa violenta e brutal estruturação discursiva.

#### Representações das mulheres indígenas na obra *Capitania d’El Rei* (1964)

Mulheres indígenas
<ul style="list-style-type: none"><li>• Limpas de corpo</li><li>• Cheiro de pecado</li><li>• Rudes fêmeas</li><li>• Tentações do demônio;</li><li>• Amor versátil e submisso das nativas</li><li>• Estupidez</li><li>• Livre como os bichos do campo</li><li>• Aversão ao trabalho</li><li>• Irresponsabilidade</li><li>• Natureza solta, soltos os costumes, pecados reinantes, pecados da carne</li><li>• Convites à luxúria</li><li>• Amor submisso</li><li>• Instabilidade de caráter</li><li>• Inclinação para os vícios</li><li>• Imitação</li><li>• Infantilidade</li><li>• Inferioridades</li><li>• Pobre material humano</li><li>• Alma primitiva</li></ul>

- Liberdade selvagem
- Seres primitivos
- Alicerce humano tão vil
- Encontrava-se a milênios da civilização
- Suplícios voluntários
- Gosto de apanhar e de sofrer
- Restos de gente
- Sombras apáticas e estuporadas

*Fonte: VELLINHO, Moysés. Capitania d'El-Rei – aspectos polêmicos da formação rio-grandense. Porto Alegre: Editora Globo, 1970. Coleção Província. Muitas das expressões são aplicadas aos indígenas em geral, motivo pelo qual estão relacionadas acima.*

Calcadas nos constructos acerca dos nativos – homogeneizados e desrespeitados em sua pluralidade – repousam as adjetivações acerca das mulheres indígenas. Estereotipadas, sexualizadas e apresentadas discursivamente como estando ao dispor dos invasores portugueses, as indígenas seriam representadas como barrigas necessárias à miscigenação, parte fundante da obsessão velliniana quanto à afirmação da lusitanidade brasileira e brasilidade sul-rio-grandense. Apontando as explorações sexuais como “amor submisso” (VELLINHO, 1970), Vellinho não questiona a brutalidade sexual perpetrada pelos portugueses/bandeirantes, afirmando-a como necessária à povoação do Rio Grande. A partir de suas penas, prossegue epistemicamente a violência física perpetrada por aqueles homens do passado, por ele glorificados, citados e defendidos. Eis os traços da colonialidade (HOLLANDA, 2020) violenta que persiste nos textos de Vellinho, mantendo visões matizadas por preconceitos e desumanizações que informaram o saber (QUIJANO, 2014) produzido acerca do passado sul-rio-grandense.

### Considerações finais

A peça de linguagem tecida por Moysés Vellinho em Capitania é parte de um discurso que a antecede e sucede. Este discurso defende a lusitanidade brasileira e, por extensão, sul-rio-grandense, calcando-se na miscigenação e nas violências várias que o processo de dominação dos territórios e dos corpos implicou, legitimando-o a partir de construções discursivas que atenuam e sutilizam atos brutais. Isto se torna perceptível à medida que se evidencia a valorização lusitana apregoada desde o início da escrita da história no/do Brasil, ainda no século XIX. Já no século XX, outros autores dariam continuidade a discursos calcados no conservadorismo e unitarismo brasileiros, mantendo formações discursivas fundamentadas na suposta imprescindibilidade da atuação lusitana e das heranças positivas desta, construindo de

maneira velada e igualmente violenta uma formação nacional fadada ao insucesso caso não tivesse havido intervenção portuguesa. Intrusão, diga-se de passagem.

Ao longo de Capitania, Vellinho tratou de temas variados relacionados à formação sul-rio-grandense e sua relação direta com a constituição e proteção do Brasil, numa retórica voltada a atenuar violências e enfatizar as supostas benesses da exploração europeia, descrita por ele como colonização (VELLINHO, 1970). Evidencia-se, em meio a esta formação discursiva, a inserção numa torrente de outros discursos amalgamados em torno de alguns eixos principais, sobretudo a imaginação violenta sobre o corpo e a construção de sua historiografia a partir da ideia de “descobrimento do Brasil”. No primeiro caso, percebe-se que o autor subordina a corporeidade das/dos indígenas aos interesses dos exploradores lusos, tornando-os coisas tão supostamente a dispor daqueles homens quanto as terras e demais recursos. Constrói-se os nativos como “os outros” na relação com os europeus, conjuntura discursiva na qual o corpo corresponderia ao destino – estar na natureza, ser nativo, corresponderia a atender às demandas exploradoras de trabalho e sexo forçado. Estupro justificado.

## Referências

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Pensamento feminista hoje - perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 120-138.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Introdução. In: \_\_\_\_\_ [org.]. *Pensamento feminista hoje - perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 10-37.

NEDEL, Leticia Borges. *Um Passado Novo para uma História em Crise: Regionalismo e Folcloristas no Rio Grande do Sul (1948-1965)*. Brasília: Universidade de Brasília, 2005. Tese (Doutorado em História). Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/15294>. Acesso em: 01 fev. 2022.

MARTINS, Jefferson Teles. *O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e o espaço social dos intelectuais: trajetória institucional e estudo das redes de solidariedade (e conflitos) entre intelectuais (1920-1956)*. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/6302>. Acesso em: 22 ago. 2019.

MARTINS, Jefferson Teles. O papel do Gabinete de Pesquisa em História do Rio Grande do Sul na tomada do bastão historiográfico do IHGRGS pela UFRGS. In: SOARES, Fabrício Antônio Antunes; MARTINS, Jefferson Teles [org.]. *História e Historiografia sul-rio-grandense*. Criciúma: Editora da UNESC, 2019, p. 223-252.



QUIJANO, Anibal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: CLÍMACO, Danilo Assis [org.]. *Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Buenos Aires: CLACSO, 2014, p. 777-832. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140424014720/Cuestionesyhorizontes.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2022.

RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. *A institucionalização da formação superior em história: o curso de Geografia e de História da UPA/UFRGS 1943-1950*. 2002. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/198347>. Acesso em: 07 abr. 2022.

RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. *Da crítica à história: Moysés Vellinho e a trama entre a província e a nação 1925-1964*. Tese (Doutorado em História). UFRGS, 2006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/8082>. Acesso em: 07 fev. 2020.

VELLINHO, Moysés. *Capitania d'El-Rei - aspectos polêmicos da formação rio-grandense*. Porto Alegre: Editora Globo, 1970. Coleção Província.

